

## JOVENS MULHERES DO ÂMBITO RURAL NO CURSO DE PEDAGOGIA: um recorte sobre as experiências de vida e formação inicial

*Nicéia Silva Mendes  
Vania Grim Thies*

### Resumo

O presente trabalho trata-se de um estudo qualitativo que utiliza como estratégia de investigação a pesquisa de campo. O trabalho apresenta os primeiros dados de uma pesquisa de mestrado em Educação, ou seja, é um recorte que busca responder o seguinte questionamento: o curso de pedagogia é uma escolha ou uma condição social imposta para as jovens mulheres do âmbito rural? Para tanto, tem como objetivo mapear as experiências vividas pelas jovens rurais em seu contexto e o processo de formação no curso de pedagogia na Universidade Federal de Pelotas/RS. O mapeamento da juventude rural se delineou através da técnica de amostragem *snowball*, que é quando um participante indica outros. Este mapeamento foi realizado no ano de 2023, nos períodos vespertino e noturno dos cursos de pedagogia, no qual se obteve contato, ao todo, com 19 estudantes que integraram a primeira fase da pesquisa, no entanto, para este respectivo ensaio, a amostra é de 12 estudantes. Os dados foram coletados por meio de entrevistas durante o primeiro movimento da pesquisa de campo, a partir de roteiro semiestruturado de questões. A faixa etária das participantes varia de 18 a 27 anos de idade, entre moradoras de municípios ou localidades próximas onde fica localizada a universidade, na região sul do estado do Rio Grande do Sul. Os resultados permitiram mapear aspectos pessoais, familiares, profissionais e o contexto rural das estudantes, com base no conceito de representação da identidade docente e, ainda, podem servir de embasamento para políticas de programas estudantis.

**Palavras-chave:** juventude feminina; meio rural; curso de formação de professores.

## YOUNG WOMEN FROM RURAL AREAS IN THE PEDAGOGY COURSE: an excerpt on life experiences and initial training

### Abstract

The present work is a qualitative study that uses field research as an investigation strategy. The work presents the first data of a master's research in Education, that is, it is an excerpt that seeks to answer the following question: is the pedagogy course a choice or a social condition imposed on young women in rural areas? To this end, it aims to map the experiences lived by rural young women in their context and the training process in the pedagogy course at the Federal University of Pelotas/RS. The mapping of rural youth was outlined through the *snowball sampling technique*, which is when one participant nominates others. This mapping was carried out in 2023, in the afternoon and evening periods of the pedagogy courses, in which a total of 19 students who were part of the first phase of the research were contacted, however, for this respective essay, the sample is 12 students. Data was collected through interviews during the first movement of the field research, based on a semi-structured script of questions. The age range of the participants varies from 18 to 27 years of age, among residents of municipalities or locations close to where the university is located, in the southern region of the state of Rio Grande do Sul. The results allowed mapping personal, family, professional aspects and the rural context of the students, based on the concept of representation of the

teacher's identity, and can also serve as a basis for student program policies.

**Keywords:** female youth; rural environment; teacher training course.

## JÓVENES DE ZONAS RURAIS EN EL CURSO DE PEDAGOGÍA: un extracto sobre experiencias de vida y formación inicial

### Resumen

El presente trabajo es un estudio cualitativo que utiliza la investigación de campo como estrategia de investigación. El trabajo presenta los primeros datos de una investigación de maestría en Educación, es decir, se trata de un fragmento que busca responder a la siguiente pregunta: ¿la carrera de pedagogía es una opción o una condición social impuesta a las mujeres jóvenes en el medio rural? Para ello, se pretende mapear las experiencias vividas por las jóvenes rurales en su contexto y el proceso de formación en el curso de pedagogía en la Universidad Federal de Pelotas/RS. El mapeo de la juventud rural se delineó a través de la técnica de muestreo de *bola de nieve*, que es cuando un participante nombra a otros. Este mapeo se realizó en el año 2023, en los periodos de tarde y noche de los cursos de pedagogía, en el que se contactó a un total de 19 estudiantes que formaron parte de la primera fase de la investigación, sin embargo, para este ensayo respectivo, la muestra es de 12 estudiantes. Los datos fueron recolectados a través de entrevistas durante el primer movimiento de la investigación de campo, a partir de un guion semiestructurado de preguntas. El rango de edad de los participantes varía de 18 a 27 años, entre residentes de municipios o localidades cercanas a donde se encuentra la universidad, en la región sur del estado de Rio Grande do Sul. Los resultados permitieron mapear aspectos personales, familiares, profesionales y el contexto rural de los estudiantes, a partir del concepto de representación de la identidad del docente, y también pueden servir de base para las políticas del programa estudiantil.

**Palabras clave:** juventud femenina; ambiente rural; curso de formación del profesorado.

### INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a juventude no Brasil surgiram a partir de suas próprias demandas, necessidades e especificidades, visto que há diversas formas de vivenciá-la (Bezerra, 2013). Por isso, aspectos históricos, culturais, sociais, econômicos, questões relacionadas a gênero e etnia são abordagens bastante comuns quando se trata de juventude.

No contexto brasileiro, os estudos de Abramo (1997), entre outros, indicam que imagens depreciativas e generalizadas foram associadas à juventude ao longo dos anos, e especialmente vinculadas à violência e à delinquência. No entanto, a partir do momento em que se passou a ter compreensão de que, para determinados comportamentos, havia questões mais profundas capazes de esclarecer e de prevenir determinadas situações relacionadas aos jovens, surgiram novas formas de olhar para esse grupo, tendo em vista que:

Em um nível mais amplo, temos que considerar que, quando cada um desses jovens nasceu, inseriu-se numa sociedade que já tinha uma existência prévia, histórica, cuja estrutura não dependeu desse sujeito, por tanto, não foi produzida por ele. São as macroestruturas que vão apontar, a princípio, um leque mais ou menos definido de opções em relação a um destino social, seus padrões comportamento, seu nível de acesso aos bens culturais etc. e que vão definir as experiências a que cada um dos jovens adolescentes teve e tem acesso (Dayrell, Jesus, 2016, p. 409).

Nessa perspectiva, abordar a juventude através do contexto na qual estão inseridos é uma maneira pertinente, pois são tantas as possibilidades que não é possível estabelecer uma única

forma, isto é, um único conceito que possa abranger a juventude como um todo. Segundo Trancoso e Oliveira (2016, p. 278), que analisam aspectos sobre o conceito de juventude, “[...] o conceito de juventude é polissêmico, interdisciplinar e conscrito a realidade sócio-histórica-cultural da experiência humana”.

Diante disso, antes de adentrarmos a temática da juventude rural, importa salientar a necessidade de não considerar campo e cidade antagônicos, pois essa é uma visão ultrapassada e preconceituosa, que coloca o campo como um lugar de atraso e a cidade como lugar de progresso, ignorando o fato de que o campo está cada vez mais ligado às grandes cidades, tanto pelas migrações temporárias como pela mentalidade urbana que por ele se difunde (Martins, 2005).

Dando seguimento às discussões em relação à juventude rural, o êxodo rural, o acesso à educação e a carência de oportunidades, sobretudo, as oportunidades profissionais são temas que se destacam, inclusive estão imbricadas, pois na maioria das vezes o êxodo acontece porque os jovens buscam a continuidade dos estudos ou emprego remunerado em atividades diferentes das comuns desse espaço e seguem em busca de novas oportunidades na cidade.

Os jovens também saem em busca de trabalho remunerado, pois nas localidades rurais são poucas as oportunidades, e é recorrente que trabalhem nas atividades econômicas da própria família ou como peões<sup>1</sup> em outras propriedades locais. Entretanto, em ambas as opções, dificilmente vai haver vínculo empregatício e direitos trabalhistas, como descanso remunerado, férias, décimo terceiro salário, plano de saúde etc.

No que se refere ao acesso à educação, desde a escolaridade básica as crianças do espaço rural se deparam com certos empecilhos, como a distância de casa até a escola mais próxima e a indisponibilidade de transporte para o trajeto, muitas vezes dificultado devido à pouca atenção dos órgãos responsáveis pelas manutenções das estradas rurais. Ainda, a maioria das escolas das localidades rurais dispõe apenas dos Anos Iniciais e do ensino fundamental. O ensino médio, muitas vezes, só é possível de ser realizado em escolas na zona urbana.

Além disso, também é comum que em cidades pequenas as oportunidades para o ensino superior sejam ainda mais limitadas, ficando restritas, como dito por Redin (2017), às universidades privadas de ensino e, em alguns casos, por meio do ensino à distância (EaD), o que pode também levar os jovens a migrarem para outras regiões para estudar em universidades públicas. Inclusive, não cursar o ensino superior pode também estar entre as opções para a juventude rural, visto que migrar para outra cidade não é algo simples e envolve uma série de fatores para que isso seja possível, uma vez que estar em uma universidade, seja ela pública ou privada, implica gastos para alimentação, transporte, moradia, materiais de estudos etc. A falta de acesso também abrange questões familiares, pois em muitos casos os pais contam com a ajuda dos(as) filhos(as) nas atividades econômicas da família, e sua saída representa, além de gastos no orçamento, a perda da mão de obra nas propriedades, por isso, “[...] as condições do trabalho rural colocam a família numa encruzilhada entre o trabalho na lavoura e a qualificação profissional” (Redin, 2017, p. 245).

Algumas universidades dispõem de auxílios que ajudam os estudantes nessas questões, no entanto, os processos de seleção podem ser duradouros e, ao final, os(as) jovens podem não ser contemplados, pois há um rigor quanto à renda per capita familiar, que, no caso dos agricultores familiares, é bastante instável, porque seus lucros dependem do mercado e de fatores climáticos (chuvas demasiadas, temporais e secas) que podem afetar na produtividade como um todo.

---

<sup>1</sup> Peão, nas localidades rurais no Rio Grande do Sul, é como se chamam os trabalhadores diaristas.

Inclusive, além de uma declaração dos bens materiais<sup>2</sup>, para a comprovação da renda, apresenta-se somente as notas constando o valor mensal ou anual recebido, e não dos altos preços pagos nos produtos e insumos utilizados nas lavouras, dos remédios para a saúde e bem-estar dos animais e outros gastos que são necessários para o trabalho diário, como as manutenções de tratores, máquinas e outros equipamentos.

Diante dessas questões, se os(as) jovens não são contemplados(as) com os auxílios, possivelmente para ajudar a cobrir suas despesas diárias, vão procurar conciliar estudos e trabalho. Em alguns casos, se o curso oferece condições, os(as) jovens optam por um trabalho em período integral devido à melhor remuneração, mesmo que esse trabalho seja distante da sua área de formação, o que fragiliza a dedicação exclusiva aos estudos (Redin, 2017).

Nesse cenário, de maneira histórica, há ainda as divisões de gênero no trabalho rural, no qual são consideradas leves as atividades realizadas pelas mulheres e pesadas as realizadas pelos homens; mesmo que elas tenham mais horas de trabalho por dia e que estes sejam trabalhos extremamente cansativos, ainda assim, recebem menos do que os homens. As mulheres, além de plantar, adubar, colher e arrancar o mato miúdo, são designadas ao cuidado da casa, dos filhos e do marido (Paulilo, 1987).

Infelizmente, seja na zona urbana ou rural, a divisão de gênero no ambiente de trabalho ainda é uma realidade. De acordo com Díaz (2007, p. 128):

O gênero é um dos fatores modulares na construção de desigualdades. Para além das diferenças biológicas, foram estruturadas distinções sociais e culturais entre homens e mulheres, dentro das quais se estabelecem hierarquias de poder, de status e de renda. Finalmente, os atributos individuais constroem-se socialmente como resultados de processos históricos. Sua aquisição depende de condições e processos coletivos que atribuem, a cada indivíduo, uma posição dentro das estruturas econômica, política e social.

Ao encontro disso, o estudo desenvolvido por Schwendler (2019, p. 6), a partir da história de vida de jovens do campo e de seus familiares, aponta que:

É importante considerar que a divisão de tarefas e a hierarquização do valor social do trabalho pelo sistema sexo/gênero têm efeitos significativos na educação da geração mais jovem. Por outro lado, são promotoras de conflitos geracionais e de possíveis transformações, uma vez que a juventude, além de crescer num período histórico diferenciado, integra regimes de gênero distintos que vão se modificando com as transformações da agricultura, com a influência do mundo globalizado e do acesso à informação e à escolarização, com a formação de gênero a auto-organização, a participação em movimentos sociais e a vivência de práticas mais colaborativas.

De maneira semelhante ao que Schwendler (2019) constatou em sua pesquisa, há outros estudos que afirmam que as jovens mulheres tendem mais a sair do espaço rural em busca de estudos e trabalho do que os jovens homens (Dorigon, Renke, 2014; Stropasolas, 2014). Isso porque as oportunidades de trabalho nas localidades rurais são, via de regra, voltadas aos homens. Mesmo que as mulheres possam e façam trabalhos iguais aos homens, normalmente, se trabalham fora, é em atividades como de babá, cozinheira, faxineira e outros serviços rotineiros, sempre voltados para o cuidado com a casa e preparo de alimentos, considerados uma ajuda e

<sup>2</sup> No caso da UFPel, por exemplo, apresenta-se uma declaração dos bens materiais da propriedade, extratos bancários dos últimos 12 meses e a declaração dos rendimentos brutos anuais. As informações podem ser verificadas através do endereço: [https://wp.ufpel.edu.br/prae/files/2022/01/SEI\\_23110.006424\\_2025\\_01\\_Edital\\_PRAE\\_01\\_25.pdf](https://wp.ufpel.edu.br/prae/files/2022/01/SEI_23110.006424_2025_01_Edital_PRAE_01_25.pdf)

complemento para a renda familiar (Brumer, 2004; Spanevello, Goulart, Linke, 2017). Essa divisão torna o trabalho doméstico realizado pela mulher culturalmente invisibilizado e desvalorizado (Paulilo, 2004).

Desse modo, as jovens que desejam ter uma trajetória de vida diferente daquela vivida pelas mulheres de seu entorno buscam, através da continuidade dos estudos, melhor preparo para conseguir um emprego, pois, para elas, o ensino superior significa ter uma profissão e, ainda, ter reconhecimento profissional. Sobretudo, o estudo se coloca como condição necessária para alcançar o reconhecimento social (Stropasolas, 2014), tendo em vista que a educação é um meio de emancipação das pessoas (Martins, 2005).

Nesse contexto, pode-se dizer que: “A juventude rural enquanto campo de investigação apresenta uma peculiaridade, pois possui uma gama de recortes e abordagens, especialmente por que atravessa um processo de transformação do próprio olhar sobre a categoria juventude” (Castro, 2005, p. 19).

Com base nesses aspectos, este texto tem como questão norteadora compreender se o curso de pedagogia é, para as jovens rurais, uma escolha ou uma condição social à qual estão sujeitas. Por isso, esta pesquisa tem como objetivo mapear aspectos de suas experiências de vida e o processo de formação inicial no curso de pedagogia da Universidade Federal de Pelotas/RS. Conforme já mencionado, este texto é um recorte de uma pesquisa mais ampla do curso de mestrado em Educação, no qual os dados da pesquisa de campo foram coletados por meio de entrevistas com roteiro semiestruturado, contendo 48 questões abertas e fechadas, que permitiram explorar o contexto na qual essas jovens estão inseridas, isto é, sobre os aspectos da vida, os vínculos familiares, o trabalho e as suas relações, bem como sobre a formação, em relação ao acesso, às experiências e à permanência no curso. Ressalta-se que a pesquisa foi aprovada pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) e possui Certificado de Apresentação e Apreciação Ética (CAAE)<sup>3</sup>.

Desse modo, antes de passar para as discussões centrais do texto, é importante destacar algumas informações sobre as participantes da pesquisa, contextualizando de quais jovens e de quais localidades estamos falando, isto é, qual é o contexto em que vivem e suas famílias trabalham.

O mapeamento da juventude rural foi realizado no ano de 2023, nos períodos vespertino e noturno dos cursos de pedagogia, nos quais se obteve contato com 19 estudantes, sendo cinco delas ingressantes do mesmo ano em que o mapeamento ocorreu (2023), mas há jovens que ingressaram nos anos de 2018, 2019, 2020, 2021 e 2022. No entanto, cabe reforçar que, para este ensaio, a mostra é com 12 das 19 estudantes.

A partir do mapeamento e com base no Estatuto da Juventude e no Sistema Nacional de Juventude (SINAJUVE), que considera jovens pessoas de 15 a 29 anos, foi possível definir a faixa etária que será considerada juventude na pesquisa. Assim, tendo em vista que se trata de estudantes no Ensino Superior, neste estudo são jovens pessoas de 18 a 29 anos de idade, no entanto, a faixa etária das participantes da pesquisa variou entre 18 a 27 anos.

As estudantes são moradoras de municípios ou localidades próximas onde fica localizada a universidade em questão, fato que viabiliza tanto o acesso como a permanência dos estudantes no curso. No entanto, alguns viajam cotidianamente de sua localidade até o campus da universidade, e outros, por conta da faculdade, atualmente, estão residindo na zona urbana de seus municípios de origem e da cidade onde fica localizada a universidade, realizando, assim, trajetos menores.

<sup>3</sup> Código referente ao certificado de Apresentação e Apreciação Ética: 68000723.2.0000.5316.



Há participantes que moram em localidades situadas em distritos do município de Pelotas/RS, na zona rural, como na Cascata, Colônia São Manoel, Colônia Santa Eulália, Monte Bonito e, também, há estudantes dos municípios de Cerrito, Turuçu, Canguçu, Piratini, São Lourenço do Sul e Arroio do Padre. São localidades rurais da região sul do Estado do Rio Grande do Sul, na qual a maioria das famílias das jovens entrevistadas atuam em atividades relacionadas ao campo, atendendo aos requisitos que as classificam como agricultores familiares, de acordo com a Lei n. 11.326 (Brasil, 2006)<sup>4</sup>.

No curso de pedagogia, o público da pesquisa é majoritariamente feminino, pois, segundo dados fornecidos pelo colegiado do curso, no mês de maio de 2023, havia 218 estudantes matriculados, sendo apenas 20 do sexo masculino. Esse dado também está presente no mapeamento inicial da pesquisa, pois, dentre os 19 participantes contatados, apenas três se consideram do sexo masculino, por isso, as discussões são voltadas especialmente para as jovens mulheres estudantes do curso de pedagogia.

A partir dessas explanações, partiremos para os relatos das jovens do curso de pedagogia, enfatizando a vida cotidiana, as expectativas profissionais e vivência na formação inicial, bem como os desafios encontrados nessas trajetórias.

### Um recorte sobre as experiências vividas no contexto rural e a formação no curso de pedagogia

De acordo com os dados fornecidos pelo colegiado dos cursos de pedagogia, no ano de 2023, dos 218 estudantes matriculados, 19 são jovens rurais<sup>5</sup>. Destes, 12 foram entrevistados, 11 do sexo feminino e 1 do sexo masculino, constituindo, assim, uma busca exploratória para o mapeamento das jovens rurais entre os semestres do curso. Essa busca acarretou o efeito de bola de neve, ou *snowball*, no qual um participante indica outro para integrar a investigação (Vinuto, 2014). Além disso, colegas do grupo de pesquisa *História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares* (Hisales<sup>6</sup>) também contribuíram com as indicações, visto que há integrantes no grupo de Iniciação Científica que são estudantes dos cursos de pedagogia.

Para tanto, foram realizadas leituras sobre a pesquisa qualitativa e o trabalho de campo, que serviram como orientação e suporte teórico para a feitura das entrevistas, como em Duarte (2002), desse modo, as primeiras entrevistas foram encerradas na medida em que foi possível: a) identificar valores, ideias e visões; b) analisar as diferentes trajetórias e formas de viver nesse espaço; c) verificar se há certa generalização sobre o que pensam do trabalho rural e oportunidades nesse

<sup>4</sup> Lei n. 11.326 (Brasil, 2006) estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais.

<sup>5</sup> A palavra no feminino refere-se ao grande número de alunas do curso. Tomou-se como referência a autodenominação para saber se as alunas se consideravam juventude rural, tendo em vista que há discentes e suas famílias que moram no contexto rural, mas não exercem o trabalho vinculado ao cotidiano rural.

<sup>6</sup> O Hisales é um centro de memória e pesquisa, constituído como órgão complementar da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que contempla ações de ensino, pesquisa e extensão. Sua política principal é fazer a guarda e a preservação da memória e da história da escola e realizar pesquisas. Trata-se de um arquivo especializado nas temáticas da alfabetização, leitura, escrita e dos livros escolares, constituído de diferentes acervos. O HISALES é, também, um grupo de pesquisa cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq desde 2006. Está localizado no Campus II – UFPel, Rua Almirante Barroso, 1202 – Sala 101 H, CEP 96.010-280 – Pelotas/RS. Mais informações sobre os acervos, ações de ensino, pesquisa e extensão podem ser conferidas via internet, no site <https://wp.ufpel.edu.br/hisales/>, nas redes sociais Facebook e Instagram: @hisales.ufpel e por e-mail: [grupohisales@gmail.com](mailto:grupohisales@gmail.com).

espaço; d) construir hipóteses para a continuidade da pesquisa. Assim, o artigo abordará os resultados das primeiras entrevistas.

Para preservar a identidade das alunas e, por opção delas, cada participante será identificada pelas letras iniciais do nome. Logo abaixo, estão indicados no mapa do Rio Grande do Sul os municípios das participantes da pesquisa.

**Figura 1: Localização das participantes da pesquisa.**



Fonte: Mendes (2024, p. 52).

Dando seguimento às discussões, dentre os estudantes entrevistados nessa primeira fase, apenas o participante do sexo masculino e uma das participantes do sexo feminino não tiveram contato com trabalhos rurais durante a vida, os demais tiveram algum tipo de experiência ou ainda mantêm contato.

Foi possível identificar que o sustento da maior parte das famílias das jovens entrevistadas é a partir de trabalhos comuns desse espaço, como a bovinocultura de leite, fumicultura, plantação de soja, milho, feijão, frutos e hortaliças, além do cultivo de hortas e criação de animais para o consumo caseiro.

Algumas das jovens que ainda mantêm contato com as atividades econômicas dos familiares dizem se sentir culpadas por não poder estar ajudando nesse momento, isso porque, além de ficar fora de casa, há mais trabalho para ser realizado pelos pais na propriedade enquanto elas estudam, gerando custos para que se mantenham no curso. No entanto, relatam que, ao

retornar para casa aos finais de semana ou nas férias entre os semestres da faculdade, elas trabalham com a família.

Quanto a isso, a jovem M.K. conta que a mãe, durante o ano, aguarda um final de semana que ela possa ir para casa para realizar algumas atividades que não consegue fazer sozinha, pois o pai tem idade avançada e problemas de saúde (diabetes) e atualmente pouco consegue ajudar.

Demonstrando emoção em sua fala, ela diz:

Era só eu e minha mãe, agora *tá* a minha mãe sozinha, então me sinto bem mal, todo dia eu mando mensagem *pra* ver se não aconteceu nada, se *tá* tudo OK, porque dá um [pausa] acho que isso foi o mais difícil de sair de casa, a faculdade é difícil, mas deixar os pais em casa sabendo que eles precisam de ajuda, acho que essa é a parte mais difícil (M.K., 2023).

No mesmo sentido, outra jovem também descreve como se sente:

Um pouco culpada, porque às vezes o pai, tipo, precisa de ajuda e ele *tá* sozinho porque minha mãe tem problema no joelho, então eu fico [pausa] porque eu incentivei a plantar fumo de novo, ele não queria, e eu falei “não, *vamo* plantar fumo que eu *vô* ajudar”, só que o que aconteceu no meio disso, eu entrei na faculdade, e aí eu me sinto um pouco culpada por não poder ajudar tanto mais (D.D., 2023).

Os dois relatos demonstram duas situações: a) a felicidade de ingressar no curso superior mesmo quando “[...] a faculdade é difícil” e b) a culpabilidade por deixar a família sozinha para o trabalho na lavoura com os pais sem condições de realizar o trabalho sozinhos.

Ainda em relação ao trabalho, pergunto se as jovens gostam do trabalho do meio rural, o que mais e menos gostam de maneira geral acerca dos afazeres cotidianos. As respostas sobre o que mais gostam surgem na forma de palavras curtas e sentimentos em relação ao lugar onde moram, e não especificamente sobre qual trabalho gostam ou não: paz; tranquilidade; segurança; contato com a natureza; etc., já para o que menos gostam dizem: trabalho cansativo e pesado; muitas horas de trabalho por dia; tempo limitado para lazer; dificuldades de acesso; etc. Nota-se que as respostas expressam as dificuldades não só das famílias das estudantes, mas abrangem as localidades e suas particularidades.

No entanto,

Salienta-se a complementariedade entre campo e cidade e vislumbra-se a possibilidade de pensá-los enquanto espaços culturais e de vivência, espaços distintos que se complementam justamente pelas diferenças que possuem; cuja concepção envolve o rural e o urbano, as ruralidades e as urbanidades que, simbolicamente, extrapolam suas experiências espaciais enquanto materialidades (Batista, 2015, p. 102).

Importa dizer que, tanto para se viver na cidade como no campo, há desafios, pois são lugares com especificidades próprias; em ambos há riqueza e pobreza, assim como liberdade, preconceito, costumes, tradições etc., entretanto, são lugares em que há vida e diferentes formas de se viver e são lugares que não se limitam apenas ao trabalho, estudo ou problemas.

Continuando as discussões, mesmo gostando do ambiente e sendo acostumada desde cedo com a bovinocultura de leite, a jovem M.K. comenta:

Eu acho que a gente passa muito tempo trabalhando, a gente não tem muito tempo... porque o leite tu não tem sábado, tu não tem domingo, tu não tem feriado, não tem nada, é todos os dias da tua vida tirando leite e tu não pode faltar um dia, porque a vaca pode ficar ruim, eu acho que é isso, é muito cansativo a questão do horário, tipo, tu não



tem sábado e domingo, tu tem que, todos os dias, tem que *tá* lá trabalhando. Esse eu acho que é o... esse é o lado ruim, eu acho... que, por isso que eu quis tanto sair também por um lado dali, sabe, do interior e vir estudar aqui na cidade grande, por causa disso. Eu acho que eu vim por causa do meu futuro, que, por mais que eu goste e esteja acostumada, eu não ia querer isso *pra* mim, porque é muito cansativo, querendo ou não, tu não tem lazer *pra* ti, assim, horário *pra* ti, de manhã cedinho e de noite *tando* lá sempre (M.K., 2023).

Diante desse relato, sabendo sobre as experiências de vida das jovens na zona rural e o que pensam sobre os trabalhos característicos desse espaço, infere-se que a identidade docente representa uma oportunidade de se ter melhores condições de vida, seja no espaço rural ou fora dele. Nesse sentido, ser professora representa a melhoria de oportunidades na vida.

Para Chartier (2002, p. 11), há três maneiras de articular a realidade considerada a partir do conceito de representação:

Por um lado, as representações coletivas que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e organizam os esquemas de percepção a partir dos quais eles classificam, jugam e agem; por outro, as formas de exibição e de estilização da identidade que pretendem ver reconhecidas; enfim, a delegação a representantes (indivíduos particulares, instituições, instâncias abstratas) da coerência e das estabilidades da identidade assim afirmada.

Nossa análise está baseada nas duas primeiras divisões do mundo social, a partir do conceito de Chartier (2002), ou seja, nos esquemas de percepção a partir dos quais os indivíduos julgam, classificam e agem e, ainda as formas de estilização da identidade que pretendem ver reconhecidas. Nesse sentido, pode-se dizer que, para as jovens rurais do curso de Pedagogia, a identidade docente está, ainda, em processo de formação inicial, isto é, a identidade docente está sendo por elas construída. Ser professora é uma identidade que elas querem construir para si para que também possam sair do trabalho vinculado à atividade da família. Assim, destaca-se o comentário de L.L.:

Hm, eu não gosto muito, não acho que ficar na agricultura, *pra* mim, não era o meu sonho... eu acho que dá muito trabalho, eu acho que cansa muito, no verão é muito sol quente, tu *tá* colhendo, ali, pêssego. Eu acho que é muito cansativo, muito desgastante, não me interessa muito... acho que por isso eu resolvi fazer faculdade (L.L., 2023).

As percepções das jovens indicam os motivos da saída do campo para ir em busca da continuidade dos estudos na cidade, como uma espécie de fuga do trabalho pesado e desgastante debaixo das intempéries climáticas, ao que se pode vincular às palavras das estudantes: “[...] muito desgastante, é muito sol quente, tu não tem sábado e domingo[...]”. A estudante L.L., ao afirmar “[...] por isso eu resolvi fazer faculdade[...]”, está indicando que a pedagogia é um curso que representa para ela essa fuga do trabalho braçal na lavoura junto da sua família. É também o curso de graduação que dará a ela sua identidade profissional, ou seja, ser professora indica a identidade que ela quer construir na continuidade da formação e, posteriormente, durante o exercício da profissão. Os familiares das jovens de maneira unânime incentivam os estudos das filhas e auxiliam no possível para que se mantenham no curso, pois desejam que tenham uma vida melhor do que tiveram, que foi sempre de trabalho árduo e pouco reconhecimento, além de que as garantias são baixas ou mesmo inexistentes.

Ao perguntar a uma das jovens o que sua família diz sobre sua escolha profissional, ela responde: “a maioria da família valoriza muito, assim, e super me apoia, até porque eu vou ser a primeira a ter faculdade se eu conseguir me formar, né, aí, então, o pessoal *tá* muito feliz com a

minha escolha” (L.L., 2023). As famílias das discentes depositam uma grande expectativa na formação, pois visam que os estudos podem contribuir para que as filhas tenham novas oportunidades de trabalho e de vida e, assim, tornem-se independentes, além de que a aquisição de uma profissão é motivo de orgulho.

Em relação às experiências profissionais relacionadas ao curso de pedagogia, cinco das estudantes ainda não participavam de projetos, pois estavam, no momento da entrevista, concluindo o primeiro semestre do curso. As estudantes do terceiro semestre do curso e as demais já participavam de projetos como o Programa de Educação Tutorial (PET), Programa de Iniciação à Docência (PIBID) e Residência Pedagógica (RP). Também há uma jovem atuando em escola particular no berçário, outra em trabalho com vínculo empregatício como babá e outra realizando estágio remunerado pelo Centro de Integração Empresa e Escola (CIEE) em rede farmacêutica.

A participação das jovens em projetos da universidade contribui para que se familiarizem com o âmbito acadêmico, com as diferentes culturas e formas de socialização presentes no entorno desse espaço, mas, sobretudo, contribui no processo de se reconhecerem enquanto futuras pedagogas, visto que:

As experiências simbólicas, materiais e culturais da juventude rural são, acentuadamente, distintas das experiências da juventude urbana. No ensino superior são mais efervescentes em função da tentativa de legitimação do futuro profissional na área e também das diferenças de classe (Redin, 2017, p. 245).

Em relato sobre a importância que atribui aos projetos da universidade, a jovem E.F., que participou do PIBID e do RP, transparece através de sua fala que os projetos auxiliaram tanto para aquisição de práticas em sala de aula quanto para que se encontrasse na profissão:

Eu acho que a gente tem muita pouca prática, né, mais só lá no estágio, ou então se tu não tem a chance de entrar em algum projeto desses, é só o estágio mesmo, e eu acho que tu já vai te preparando sabe, e eu tive a experiência do PIBID na educação infantil também, só que foi remoto e eu tive a experiência da residência nos anos iniciais, e aí foi onde que eu me encontrei, sabe. Eu prefiro os anos iniciais também, acho que já vai encaixando a gente (E.F., 2023).

Prosseguindo com as discussões, outra jovem que trabalha meio período afirma que gostaria de participar de algum projeto, mas, por ter vínculo empregatício, ainda não conseguiu encontrar nenhum que possa conciliar os horários, como podemos ver através de suas palavras: “Sim, tenho vontade, sim... eu ia, eu entrei até como voluntária *pro* PIBID, só que eu comecei a trabalhar no mesmo tempo e, como é pela manhã, as reuniões do PIBID também são pela manhã, eu não consegui participar” (E.B., 2023). Possivelmente as jovens que estavam finalizando o primeiro semestre do curso também vão buscar as oportunidades que o curso oferece, podendo ser nos próprios projetos da universidade ou em outros.

No tocante aos desafios, estes se colocam para todas as jovens e de diferentes maneiras, sendo a rotina atual a mais comum entre elas, seja para as que viajam cotidianamente ou para as que estão residindo na zona urbana, mas especialmente para as que conciliam trabalho e estudos.

A jovem C.C., que concilia trabalho integral e estudos no turno da noite, ao descrever sua rotina, relata:

Uhuh, agora é bem difícil, né... agora com a volta às aulas, antes quando eu *tava* de férias, eu pensava “nossa eu *tô* saindo 18h30 e *vô pra* casa, *vô* descansar, chegar em casa, fazer minhas coisas”, agora eu tenho que sair 18h30 e *vir pra* cá, então é... eu passo todo

o dia fora, eu saio 9h e chego 22h30 em casa, aí eu só deito e durmo, aí no outro dia acordo... então é bem cansativo, mas... (C.C., 2023).

E a jovem L.L., que atua como babá no período da manhã e estuda à tarde, ao contar sua experiência, diz:

Não, eu achei que trabalhar e estudar era mais fácil no início, mas aí depois eu pensei que é um pouco mais puxado, um pouco mais cansativo, mas *tô* indo bem... relativamente, eu pego... eu peguei exame já na faculdade, acredito por conta de não ter muito tempo de estudar, é só me sobra de noite, mas *tô* indo bem até, acho que vou dar conta (L.S., 2023).

Em relação a isso, a dedicação aos estudos se fragiliza, pois se torna mais difícil realizar em tempo hábil todas as leituras, sistematizações escritas e as reflexões necessárias, às quais os projetos ligados à formação contribuem significativamente, pois a possibilidade de imersão é maior. No entanto, há de se considerar que são distintas as realidades e necessidades de cada estudante, por isso, há situações em que conciliar trabalhos e estudos se coloca como a melhor alternativa, pois há a possibilidade de o estudante ser mais bem remunerado e, em alguns casos, ter carteira assinada.

Já para as que percorrem trajetos mais longos, a rotina de viagens cotidianas se coloca como desafio para a permanência no curso, pois:

Eu acho que a parte que é mais cansativa no caso, porque, que nem agora, a gente sai daqui, e aí tem uma hora de viagem, aí até que tu chega em casa... que é um tempo que é bem mais cansativo, tem esse desgaste, ahn, quando chove que é mais difícil por conta das estradas, fica embarradas, ficam com buracos, em condições mais ruins, é o que dificulta mais (R.S., 2023).

Nas palavras de outra jovem: “Ah é bem cansativo, eu acho muito cansativo, eu fico pensando, assim, se eu conseguiria aguentar até o final do curso, aguentar todos os dias, porque é um grande tempo que tu poderia *tá* estudando, mas que tu tem que *tá*, assim, se deslocando” (C.R., 2023).

Os desafios da formação vão além do tempo para dedicar-se aos trabalhos de leitura e escrita, pois estão presentes entre a vida no contexto de vivência no espaço rural e a viagem diária para chegar até a universidade, na qual o tempo de estudo parece ser trocado pelo período de viagens.

Em relação à permanência no curso, as questões econômicas têm um peso significativo, que se tornariam mais amenas se as estudantes recebessem os auxílios que a universidade oferece, no entanto, das 19 estudantes rurais matriculadas no curso e que foram mapeadas nessa etapa da pesquisa, apenas duas são beneficiárias, uma outra já recebeu e atualmente não recebe mais.

Em comentário sobre o que considerava ser mais difícil, o acesso ou a permanência, destaca-se comentário de M.K. (2023):

O ingresso não foi fácil, mas a permanência também é bem difícil, eu acho que se não tivesse as bolsas, né, que tem, que ajudam, ia ser bem difícil se manter, porque, querendo ou não, os pais tentam de tudo *pra* manter um filho, só que o interior... não... a gente depende por safra, né, então se uma safra for ruim, a gente não vai ter dinheiro *pra* conseguir se manter aqui... então a gente tem que trabalhar, a gente tem que ter a bolsa, porque se a gente não tiver isso a gente não consegue permanecer no curso, infelizmente.

As jovens que não se inscreveram para seleção dos auxílios quando abriu edital relatam que o excesso de burocracias e a dificuldade de encontrar as informações sobre os documentos necessários foram os principais motivos, mas há também o exemplo de uma jovem que não foi contemplada e diz que vai tentar novamente quando abrir edital, pois gasta aproximadamente R\$ 500 mensais com passagens em transporte público, e outra jovem que precisa contratar transporte particular para o deslocamento gasta em torno de R\$ 630 mensais.

Uma das jovens que recentemente foi beneficiada com os auxílios diz:

É essencial, *pra* mim, foi assim [...], o vale-transporte é muito bom, porque eu recebo o vale-transporte no meu trabalho também... então é um dinheiro a mais que fica *pra* mim no caso, né... e eu consigo... porque eu vou *pro* meu trabalho, saio do trabalho e venho direto *pra* cá e depois vou *pra* casa, então eu uso o transporte... ótimo, assim, *pra* mim... e o da moradia [Programa Auxílio Moradia (PAM)] é muito também, assim, foi ali a chavezinha, por causa dele eu consegui me mudar *pra* uma casa, porque já *tava* bem difícil morando ali onde eu morava, não era umas condições muito boas, né... aí eu me mudei e melhorou muito, assim (C.C., 2023).

Com base nessas informações, seria interessante que os auxílios fossem ampliados para contemplar ainda mais estudantes, para que as juventudes rurais, em especial a juventude que é proveniente de agricultores familiares, possam, além de ingressar, permanecer e concluir a graduação. Nesse sentido, uma das contribuições da pesquisa é, também, promover o aumento dos subsídios para os programas da universidade a partir da realidade que as jovens estudantes mulheres rurais vivenciam no cotidiano da instituição.

Ademais, importa dizer que as estudantes respondem de maneira afirmativa quando questionadas se consideram-se jovens rurais e se, dentro das oportunidades após a conclusão do curso, desejam atuar como docentes em sua localidade ou em outras localidades rurais. Desse modo, considerando que gostam e se identificam com o lugar de origem, mas não pretendem atuar como agricultoras, isso significa que para elas que “O espaço é ponto de referência, é identidade, mas não é limite” (Leão, Rocha, 2015, p. 20) e que a rejeição da atividade agrícola não significa necessariamente a rejeição da vida no meio rural (Brumer, 2006).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se saber por meio de entrevistas com as jovens rurais do curso de pedagogia da Universidade Federal de Pelotas/RS sobre suas experiências de vida e formação, assim como analisar as especificidades que contribuíram para a busca da continuidade dos estudos na cidade, atentando ainda para aspectos comuns e incomuns entre elas.

Diante disso, a partir da narrativa das jovens, é evidente que há um grande percurso na construção da identidade docente, pois há inúmeras questões que podem dificultar a conclusão do curso, sendo uma delas as questões econômicas, que podem ser consideravelmente melhores se os auxílios fossem ampliados para contemplar ainda mais estudantes.

Além disso, salienta-se a importância e a significativa contribuição dos projetos nas universidades para a formação dos discentes, que proporcionam experiências para além da academia e ainda contribuem para a permanência no curso, visto que, se não há auxílio estudantil e/ou outras oportunidades, as dificuldades para eles se manterem na graduação ficam ainda maiores. Ao refletir sobre os projetos de auxílio, a pesquisa poderá contribuir com a instituição na medida de (re)formulações para atender às especificidades da juventude rural.

Por ora, mesmo se tratando de um recorte de um trabalho maior, os primeiros dados indicam que o espaço rural ainda não oferece garantias para a juventude, sobretudo para as jovens mulheres, tanto no que se refere aos estudos quanto ao que se refere ao trabalho, por isso, a continuidade dos estudos na cidade para além da aquisição de uma profissão se coloca como alternativa de se ter melhores condições de trabalho e de vida, seja nesse espaço ou não.

Em vista disso, considerando que a maior parte das jovens entrevistadas deseja retornar à sua localidade para atuarem como professoras no contexto rural e que se identificam como jovens pertencentes a esse espaço, ainda que a pesquisa não consiga realizar o mapeamento de todas as alunas jovens rurais, porque trabalhamos com uma parcela das discentes, as estudantes têm, no curso de Pedagogia, a constituição de representação na identidade docente que se apresenta como uma condição melhor de trabalho no campo e como forma de (re)existir nesse espaço com suas famílias.

Portanto, buscando responder à questão que originou este texto, diante das problematizações surgidas a partir das experiências de vida das jovens, considera-se que o curso de pedagogia se coloca como a alternativa de formação mais viável perante a condição social na qual essas estudantes encontram-se subjugadas, sobretudo, “[...] tornar-se professora para elas representa ter melhores condições de vida e trabalho, consequentemente, representa a oportunidade de conquistar autonomia e independência financeira” (Mendes, 2024, p. 9).

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 5-6, p. 25-36, maio/dez. 1997. Disponível em [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-24781997000200004&script=sci\\_abstract](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-24781997000200004&script=sci_abstract). Acesso em 4 jun. 2025.
- BATISTA, Edmar Eder. Complexidade das relações campo e cidade: perspectivas teóricas. *Revista Nera*, Presidente Prudente, v. 18, n. 29, p. 101-132, jul./dez. 2015. Disponível em <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/3345>. Acesso em 4 jun. 2025.
- BEZERRA, Talita Silva. *Vidas em trânsito: juventude rural e mobilidade(s) pelo acesso ao ensino superior*. 2013. 141 f. Dissertação (estrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/14843>. Acesso em 4 jun. 2025.
- BRASIL. *Lei n. 11.326, de 24 de julho de 2006*. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Brasília, DF: Presidência da República, 2006. Disponível em [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2004-2006/2006/lei/111326.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/111326.htm). Acesso em 4 jun. 2025.
- BRUMER, Anita. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO DE SOCIOLOGIA RURAL, Quito, 2006. *Anales [...]. [S.l.]: [s.n.]*, 2006. p. 1-19. Disponível em <https://pt.scribd.com/document/70221237/A-Problematica-dos-Jovens-Rurais-na-Pos-Modernidade-Artigo>. Acesso em 4 jun. 2025.
- BRUMER, Anita. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 205-227, 2004. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/vz3j55w5HNq95Kj5QQkqFCR/abstract/?lang=pt>. Acesso em 4 jun. 2025.



CASTRO, Elisa Guaraná de. *Entre o ficar e sair: uma etnografia da construção da categoria jovem rural*. 2005. 444 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2005. Disponível em [http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/Tese\\_Elisa\\_pdf.pdf](http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/Tese_Elisa_pdf.pdf). Acesso em 4 jun. 2025.

CHARTIER, Roger. *A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

DAYRELL, Juarez Tarcisio; JESUS, Rodrigo Ednilson de. Juventude, ensino médio e os processos de exclusão escolar. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 37, n. 135, p. 407-423, abr./jun. 2016. Disponível em <https://www.scielo.br/j/es/a/vDyJXnzDWz5VsFKFzVytpMp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 4 jun. 2025.

DÍAZ, Laura Mota. Instituições do Estado e Produção e Reprodução da Desigualdade na América Latina. In: CIMADAMORE, Alberto D; CATANI, Antonio David (org.). *Reprodução de Pobreza e Desigualdade na América Latina*. Porto Alegre: Tomo Editorial; CLACSO, 2007. p. 125-150. Disponível em <https://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/clacso/crop/cattapt/cattapt.pdf>. Acesso em 4 jun. 2025.

DORIGON, Clovis; RENK, Arlene. Juventude rural e reconversão produtiva rumo a produtos de qualidade diferenciada. In: RENK, Arlene; DORIGON, Clovis (org.). *Juventude rural, cultura e mudança social*. Chapecó: Argos, 2014. p. 15-34.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 115, p. 139-154, mar. 2002. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cp/a/PmPzwqMxQsvQwH5bkrhrDKm/abstract/?lang=pt>. Acesso em 4 jun. 2025.

LEÃO, Geraldo; ROCHA, Maria Isabel Antunes. Juventudes do/no campo: questões para um debate. In: LEÃO, Geraldo. ROCHA, Maria Isabel Antunes (org.). *Juventudes do campo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 17-27.

MARTINS, José de Souza. Cultura e educação na roça, encontros e desencontros. *Revista USP*, São Paulo, n. 64, p. 28-49, dez. 2004/fev. 2005. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13388>. Acesso em 4 jun. 2025.

MENDES, Nicéia Silva. *As jovens rurais dos cursos de Pedagogia da UFPel (2018/2 a 2023/1): aspectos da vida e da formação*. 2024. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2024. Disponível em <https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/14431>. Acesso em 4 jun. 2025.

PAULILO, Maria Iguiêns Silveira. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 229-252, jan./abr. 2004. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/fngwsjnkZHVkMD7Ly3T6gks/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 4 jun. 2025.

PAULILO, Maria Iguiêns Silveira. O peso do trabalho leve. *Revista Ciência Hoje*, Florianópolis, v. 5, n. 28, p. 64-70, 1987. Disponível em <https://nafa.paginas.ufsc.br/files/2010/09/OPesodoTrabalhoLeve.pdf>. Acesso em 4 jun. 2025.

REDIN, Ezequiel. Políticas educacionais e juventude rural no ensino superior. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 63, p. 237-252, jan./mar. 2017. Disponível em

<https://www.scielo.br/j/er/a/yzqG3hGvxST3jxw9z8PTxWx/abstract/?lang=pt>. Acesso em 4 jun. 2025.

SCHWENDLER, Sônia Fátima. A divisão sexual do trabalho no campo sob a perspectiva da juventude camponesa. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 28, n. 1, p. 1-14, ago. 2019. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/bcL3xCGRtmszpnrKpJ9HKkw/>. Acesso em 4 jun. 2025.

SPANEVELLO, Rosani Marisa; GOULART, Helena dos Santos; LINKE, Pamela de Melo. O trabalho feminino nas atividades agropecuárias no contexto do Rio Grande do Sul. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 8., 2017. *Anais* [...]. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2017. p. 1-16. Disponível em <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidr/issue/view/87/showToc>. Acesso em 4 jun. 2025.

STROPASOLAS, Luiz Valmir. Os dilemas da juventude no processo sucessório da agricultura familiar. In: RENK, Arlene; DORIGON, Clovis (org.). *Juventude rural, cultura e mudança social*. Chapecó: Argos, 2014. p. 139-162.).

TRANCOSO, Alcimar Enéas Rocha; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto. Aspectos do conceito da juventude nas Ciências Humanas e Sociais: análises de teses, dissertações e artigos produzidos de 2007 a 2011. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João del Rei, v. 11, n. 2, p. 278-294, jul./dez. 2016. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-890820160002000002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-890820160002000002). Acesso em 4 jun. 2025.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa. *Temáticas*, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago./dez. 2014. Disponível em <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em 4 jun. 2025.

*Submetido em junho de 2024*  
*Aprovado em junho de 2025*

### Informações das autoras

Nicéia Silva Mendes  
Universidade Federal de Pelotas (UFPeL)  
E-mail: [niceiamendes2@hotmail.com](mailto:niceiamendes2@hotmail.com)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6109-3701>  
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0576485171717090>

Vania Grim Thies  
Universidade Federal de Pelotas (UFPeL)  
E-mail: [vaniagrim@gmail.com](mailto:vaniagrim@gmail.com)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6169-067X>  
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2559006899606199>